



A CASA DE ADÃO NO PARAÍSO: a idéia da cabana primitiva na história da Arquitetura,
de Joseph Rykwert. São Paulo: Perspectiva, 2003. (Estudos; 189)

Resenha | por Ricardo Marques de Azevedo

Professor doutor
Programa de Pós-Graduação em Urbanismo
CEATEC PUC-Campinas
ricardomazevedo@puc-campinas.edu.br



A CASA DE ADÃO NO PARAÍSO

A casa de Adão no Paraíso: a idéia da cabana primitiva na história da Arquitetura foi escrito por Joseph Rykwert em 1963 e publicado originalmente pelo Museum of Modern Art de Nova York (MoMA). Como indica o autor na “Nota para a edição brasileira”, aquele era um momento em que “o campo profissional (dos arquitetos) estava dominado por um pragmatismo demasiadamente confiante, cujos detritos ainda obstruem diversos centros urbanos”. Na ocasião, o professor Rykwert, convidado a proferir uma série de palestras sobre a história da Arquitetura na Architectural Association School de Londres, entendeu ser oportuno revisitar um tema que, de Vitruvius a Le Corbusier, tem sido recorrente nas teorias da Arquitetura e que o “pragmatismo demasiadamente confiante” então corrente havia decididamente negligenciado: certa cabana primitiva.

Diante das incertezas que os assolavam, os arquitetos confiavam encontrar em determinados esquemas teóricos as respostas às demandas que então se lhes colocavam e, para tal, buscavam amparo em saberes exteriores à disciplina Arquitetura: nas Ciências Sociais, na Economia, na Psicologia, ou onde quer que uma pretensa positividade lhes augurasse uma esperança de validação. A abdicação, pelos arquitetos, de seu próprio campo disciplinar, talvez tenha sido, em grande parte, responsável pela proliferação desses “detritos (que) ainda obstruem diversos centros urbanos”.

Retomando a questão acerca da origem da Arquitetura, Rykwert nos lembra que o Éden era jardim, não selva. Lá, antes da queda, Adão não carecia de uma casa. Contudo,

em tal imaginária e nunca existida casa, a casa idealmente primeira, a *originária*, asseveraram alguns doutrinadores da Arquitetura, poder-se-ia encontrar o *princípio*, a gênese necessária dessa *pulcra* Arte. E, predicando que no *princípio* habitam os *princípios*, advertia o ilustrado abade Marc-Antoine Laugier: aquele que, sem motivo, da *gênese* se afastar, *degenerará* na afetação e no artifício.

Como, porém, remontar a tal prístina edificação? Certamente, não por meio de alguma prospecção arqueológica e nem por nenhuma verificação antropológica. A cabana ancestral não foi caverna, oca, choupana ou tenda. É inútil especulá-la nas habitações de povos incivilizados ou em resquícios de peremptas civilizações: o atemporal não está no passado. A cabana que continha, imanescentes, os princípios perenes dos quais a Arquitetura jamais deveria ter se distanciado é *nocionalmente* primitiva. Não é ente ou objeto: é *idéia*, conceito, estado. Uníssona com as leis da Criação, ela é Natureza recém-saída da concepção divina e que desde sempre se nos esvaiu. A cabana não tinha por finalidade apenas a proteção de homens errantes diante das injúrias de feras e intempéries, pois, em tal caso, assinala Vitruvius, ainda não seria Arquitetura. Para devir tal, ela há de resultar de um raciocínio, ela implicará comensuração, medida, ponderação.

É como repositório de segredos que sábios ancestrais souberam desvelar da Natureza que a *cabana primitiva* comparece nos ritos e mitos de tantas tradições e confissões, como nos mostra com sua extraordinária erudição Joseph Rykwert. E, nessa mesma forma, ela comparece nas doutrinas da Arquitetura, desde a Antiguidade. Nas diversas traduções e versões renascentistas do tratado vitruviano a *cabana* é tematizada e ilustrada. Nos séculos XVI e XVII ela é relacionada à perfeição do corpo adâmico (modelado diretamente por Deus à Sua imagem e semelhança) e às menções veterotestamentárias da Arquitetura revelada: a Arca de Noé, o Tabernáculo do deserto e, sobretudo, o Templo de Salomão, cujas formas, ordens e medidas Ele revelara em sonho ao profeta Ezequiel.

No século da Ilustração, a *cabana* centra acerbo debate. Para o abade Laugier, sendo ela o parâmetro a partir do qual se abaliza e se avaliza a legitimidade da verdadeira Arquitetura, tudo que dela se afaste é anátema e, por isso, tem que ser renegado. Entretanto, para os sectários do abade Carlo Lodoli, defensor *rigorista* da verdade na Arquitetura, tal modelo não se presta para as construções em pedra de gregos ou as em tijolos de romanos, pois, dadas as diferenças entre as características estruturais dos materiais, seria consentir com a falsidade a convivência com a migração das formas e medidas próprias às construções lígneas para as pétreas ou cerâmicas. Para os *lodolianos*, as formas da Arquitetura clássica não derivam dos arquétipos que os helenos transpuseram da madeira para a pedra de modo a perenizar suas gráceis medidas em matéria mais duradoura; derivam, outrossim, de uma outra vertente que remonta aos etruscos e, por eles, aos egípcios.

No século XIX, as lições politécnicas de Jean-Nicholas-Louis Durand ainda ataviam a vetusta *cabana* em vestes clássicas (coluna e entablamento), mas com John Ruskin e com Viollet-le-Duc ela já ostenta estilemas ogivais (góticos) que reportam imagens de bosques,

cujas árvores de troncos eretos entretecem suas copas em delicadas rendas abobadadas. Com Gottfried Semper, a construção primitiva assinala a emergência de Artes Decorativas, especialmente a tecelagem e a cerâmica. E, mesmo no século XX, que se apraz em alardear-se racionalista e funcional, a velha cabana marca sua presença até em locais e momentos insuspeitados como o Mausoléu de Lenin (sobretudo o primeiro, em madeira) na Praça Vermelha em Moscou, ou como na *Blockhaus Sommerfeld*, construída por Walter Gropius em Berlim, no ano de 1921, enquanto dirigia a célebre Escola de Artes e Ofícios Bauhaus. Na proposta de Frank Lloyd Wright para a *Broadacre City* remanescem resquícios de remotos tempos e construções. E Le Corbusier estampa em *Esprit Nouveau* sua versão peculiar da *cabana* primitiva, erigida por um homem que, embora *primitivo*, é também geômetra e instrumentalizado. O arquiteto dela se vale para caucionar o valor imperecível da geometria e dos traçados reguladores como elementos da qualificação arquitetônica.

A prisca cabana é, pois, perquirida por doutrinadores e exegetas, ora como empenho filológico, pelo qual se explicitaria a gênese dos elementos da Arquitetura e se explicariam suas sintaxes construtivas, ora como paradigma para uma desejada regeneração dessa bela Arte que teria sido corrompida pela intrusão do arbitrário ou do abusivo, ora, ainda, como testemunho imorredouro de uma Natureza destilada, depurada – *natureza reduzida à perfeição e ao método* –, enfim, uma Natureza consoante com a Razão, que a tudo deve permear e que em nada conflita com os tesouros das revelações ou com os ditames dos ritos.

O livro ora publicado não é, contudo, apenas um exemplo de notável erudição. Ele é parte de uma extensa obra do autor que é referência obrigatória para os estudos recentes da Arte, da Arquitetura e do Urbanismo. Num contexto no qual ainda dominavam os textos apologeticamente sobre o *Movimento Moderno*, os estudos de Rykwert mostraram uma rara densidade historiográfica. Assim, para o autor, a história da Arquitetura não é narração de um itinerário cujo destino seria a superação definitiva dos estilos em face de uma construção balizada pelos imperativos da técnica e da Razão. Como bem se indica em *A casa de Adão*, temas como o da cabana primitiva continuam sendo recorrentes e relevantes, quer como garantia de legitimidade de procedimentos ou de estilemas quer como estruturação geométrica, quer, ainda, como reminiscência mítica ou como referente ritual.

Trata-se, sem dúvida, de uma oportuna introdução ao conhecimento do pensamento e da obra de Joseph Rykwert que, entre outros estudiosos, contribuiu de modo decisivo para imprimir novos, mais rigorosos, rumos aos estudos historiográficos e analíticos e, também, para estabelecer referências mais consistentes para a apreciação e a avaliação da Arte e da Arquitetura.